



Questões Económicas e Financeiras

Teatrologia Trágico-Comica

2. decreto: Um codilho

Quando o sr. Victorino Guimarães, contra a opinião de todas as competências nacionais na matéria, teimou em emitir o famoso empréstimo de 6 1/2 por cento ouro, a que chamavam "o empréstimo da raça," — talvez, com mais razão do que se supõe, desde que se atente em que, dadas as condições ruinosas da sua emissão, ele ia principalmente satisfazer o "espírito de ganância sem limites," traço dominante do carácter nacional, nesta maré alta de miséria e corrupção — não houve nomes feios que a imprensa anónima e irresponsável, ao serviço das alforjas, em que os *patriotas* interessados na exploração do paiz descrecionariamente dispõe dos seus destinos, não lançassem sobre quem ou sou duvidar da excelencia e virtudes curativas de tão sua peita mesinha!

Arredada assim pelo insulto a opinião consciente e competente que, com notável clairividência (como os factos posteriormente confirmaram), apontava os inúmeros perigos da operação — vencearam o ministro casmurro e ignorante e os seus condignos aliados, pondo mais uma vez em foco as *excelsas e preclaras virtudes* da Democracia, em que sempre a "quantidade" triunfou da "qualidade," a audacia dos ignorantes da ponderação dos sabios.

E, como sempre ainda, chegado o momento da confirmação do erro — confiança estrondosa e inegável — não há a quem pedir responsabilidades, porque o próprio autor visível do malefício, com toda a "razão jurídica," pelo seu lado, se esconde por detrás de uma assembleia irresponsável, que dizem representar a propria Nação podendo declarar-se ab
vito, *ab initio*, de todas as culpas!

Assim se demonstra — e só um mal intencionado poderá ver nisto um grosso sofisma — que foi a propria vítima autora do delicto!

Dá vontade de bater com a cabeça numa parede, mas é assim mesmo!

* * *

Temos, pois, o governo do senhor Alvaro de Castro, nos considerandos do "decreto-codilho," de limitação e conversão dos juros do famoso empréstimo, a reproduzir com uma notável fidelidade aquelas razões que custaram a muito boa gente o apôdo de "mau portuguez,"!

Nada ha que dizer a este respeito a não ser que não nos dá o governo novidade alguma.

A solução que entendeu dever dar ao caso é que tem muito que se lhe diga ...

A este respeito, porém, e para que não se atribua aos meus comentários intuito de especular designadamente com a irritação dos portadores dos títulos, direi, antes de mais nada, não me merecerem estes — na sua grande maioria, senão na sua totalidade, os originários subscritores — *de um modo geral*, grande simpatia ou consideração. E' que não posso abstrair a situação de "usuários," — no sentido pejorativo — em que se colocaram em face do Estado, a quem emprestaram o seu dinheiro apenas por serem leoninas as condições para o devedor.

Bem sei que foi o estado que ofereceu livremente e espontaneamente essas condições. Mas não é menos verdade que apenas a elas se deveu o aliaz fraqueissimo exito do empréstimo, que nem uma vez chegou a ser coberto!

E não me digam que o Estado não merecia grande crédito para que pudesse emprestar-se-lhe em melhores bases porque a isso se responde facilmente: num vez que não se oferecia garantia de juro de qualquer natureza, não eram a taxa, o prêmio da emissão e o compromisso de pagar em ouro que podiam substituir-las.

Moralmente mesmo, portanto as condições ruinosas do

emprestimo, pelo que respeita ao Estado, só podiam justificar-se pelo *maior risco*, pois sempre de facto houve entre estes e a taxa do juro uma íntima correlação.

Quer isto dizer, porém que seja de aplaudir o gesto do governo, eximindo-se ao cumprimento da CLAUSULA PRINCIPAL DO CONTRATO — pagamento dos juros em ouro — e limitando a uma quantia fixa o pagamento em escudos de valor progressivamente decrescente, mau grado uma artificial, transitoria e insignificante valorização, cujos motivos em breve os factos porão a nu?

De forma alguma!

A acção do governo, que até hoje, na história de todos os povos, só tem similar na Russia da fome e do cinismo, é de condenar com toda a vehemencia porque fere de morte o credito de um Estado em que se tornou possível. Além de que é falha e anti-scientifica a unica razão em que se funda — evitar que haja interessados na desvalorização do escudo!

Não são para aqui certas considerações sobre especulação, designadamente sobre especulação cambial, que por certo deixariam muito admiradas e estarrecidas as *altas competencias* que têm a seu cargo, neste momento, a gerencia financeira do Estado.

Perguntarei apenas, para que o governo responda e quem quer raciocine, porque é que, num paiz com uma balança económica favorável ou igual a zero, com uma balança monetária equilibrada e com o seu credito firmado numa saude honesta administrativa, não existem interessados na desvalorização da sua moeda?

E se eu disser, comprometendo-me a fazer a defensão científicamente, que num Estado bem administrado até a propria especulação, e designadamente a especulação cambial, é, não só util, mas necessaria?

A especulação desregrada e nociva, que se traduz nun

*Entre as ameias do castelo idoso
Como um atacar de encantadas noivas,
A castelã gentil de franzas loiras
Sonha no lotro cavaleiro esposo,*

*Cai a penumbra. Ao longe, mansamente,
Nos elevadas grimpas da montanha,
Morrem, sentindo uma agonia estranha,
Os últimos fulgôres do sol - poente ...*

*Cantam as fontes o frescor do linho;
E no horizonte, poalhão e loiro,
A luz crepuscular se vai sumindo;*

*Mas o luar tombando levesinho,
Poz-se a brincar com as trancinhas d'ouro
Da castelã que adormeceu sorrindo!*

J. Rodrigues Grande.

constante exodo de capitais, sendo, ao mesmo tempo, um efeito e uma causa, é *como efeito*, incombivel directamente e *como causa* absolutamente incombivel, pela mesma razão porque é impossivel conservar água — num cesto rôto!

A unica operação a fazer em razão deste maladado empréstimo, seria, não a limitação dos juros que se fez, mas a transferencia do seu pagamento integral e total para o ultimo trimestre de um anno contado a partir do momento em que o Estado iniciasse a sério a sua reabilitação financeira, segundo princípios que seria longo enumerar, incluindo a conversão da inunda papela fiduciaria numa moeda saudável e limpa. Mas pagamento feito em ouro, ou em escudos ao cambio do dia, o que é o mesmo — no respeito escrupuloso de um compromisso sagrado — e possivelmente com juros de juros dos três trimestres intermedios, por obediencia a um elementar principio de justiça e de equidade.

Em tais termos ninguém teria o direito de reclamar, a não ser com razões absolutamente inadmissíveis e improcedentes por se hantarem em

multos de jogafina indiscutivelmente condenaveis.

Simplesmente, é bem de ver — e não é importuno o aviso — que uma tal medida só poderia ser posta em prática por UM VERDADEIRO GOVERNO, num Estado organizado em ordem a bem zelar os interesses nacionais e não pelo governo que ai está dentro do Estado que para ai está.

Aliás iriamos apenas adiar uma dificuldade levando ao cubo os malefícios decorrentes.

Das vantagens de uma tal solução é inutil falar, tão patentes elas se apresentam.

Afonso Lucas.

Acaba de aparecer "O SEIS SENTIMENTOS EM PORTUGAL," por Manoel Muriás, notabilissimo ensaio historico.

Vende-se nesti cidade na "Casa Nun'Alvares,"

Assinado a "Gil Vicente,"

As Conferencias Religiosas em S. Francisco

Desgraçados dos que profanam o Evangelho, desfigurando-o em assunto de terror para os homens.

Padre Lamenhaia

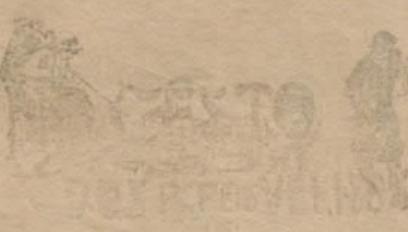
As conferencias religiosas que o snr. dr. Leonardo de Castro, professor da Ordem Franciscana, vêm realizando no vasto templo de S. Francisco, desta cidade, constituem um acontecimento apreciavel. E' que, em verdade, trata se de um conferencista de notáveis recursos intelectuais, de um poder de logica e de um brilho de arte fulgurante.

Habituados a ouvir citar a catequese católica de ensinamentos rasteirinhos e a ouvir por deleite literario, alguns sermões de estilo campanudo, é com satisfação de espírito que vimos assistindo ás eruditas e trabalhadas conferencias do culto pregador, a quem não faltam, sequer, os predicados de uma lição elegante, trabalhada nas mais puras regras da eloquencia.

Sem preocupação de discurso, sem ênfases nem frases de retórica, o conferencista católico derrama todo o fogo do seu verbo ardente e esciarecido por sobre o florilegio inquieto e perturbante de alçapremadas crenças que assigem o coração humano; e faz-lo por um modo tam superiormente cristão que, por muito afastado e divergente que lhe andasse, acaso, o auditório, já mais deixaria de o ligar a si por um fluido de simpatia,—meia conquista para o seu exito de conversão e de apostolado.

E' que o irudito professor franciscano dirigindo-se, sobretudo, á inteligencia e á razão dos homens que constituem a assembleia dos ouvintes, revela que as suas faculdades de receptividade sensoria são as de um filosofo e de um artista sabedor e delicado; ao mesmo tempo que patenteia um sentimento de respeito por todas as moralidades de crença, embora para mais exaltar o triunfo da doutrina que invangeliisa.

Diz Monsenhor J. A. Ferreira no seu *Mannat de História das Religiões*: que "a natureza moral e religiosa do homem, quer este seja pagão ou cristão, é no fundo a mesma". Axiomatico princípio. Eis porque o ilustrado orador sagra-



EFEMERIDES DE MARÇO

(Março tem 31 dias)

1—1476—Batalha de Toro, entre portugueses e castelhanos, célebre pelo feito heróico do *Detepado*.

1553—Morte de Rabelais. Espírito irrequieto e indisciplinado, foi primeiro franciscano depois passou para a ordem beneditina, de onde saiu, para regressar e para sair novamente, ficando por fim parco de Mendon, Filósofo, humorista, literário, scientist, Rabelais foi um dos espíritos mais notáveis da pre-Renaissance. Enriqueceu espantosamente a língua francesa e pode ser considerado o maior prosador francês do século XVI. A sua vida foi irregular, e irrequieto e os seus costumes bastante repreensíveis. Os seus livros sob o aspecto moral, são maus e percursoras das desordens da inteligência que breve se desencadearam sobre a Europa.

1814—Os soberanos aliados fazem o tratado de Chaumont, no qual declaravam que nunca fariam a paz com Bonaparte.

1815 Napolião, vindo da ilha de Elba, desembarca no golfo de Jouan perto de Canes.

do sr. dr. Leonardo de Castro, mais se há preocupado em se dirigir ao fundo psíquico dessa natureza moral e religiosa dos homens que o escutam — e quanto divergente e contraditório é esse fundo psíquico! — pois bem sabe "que entre o homem virtuoso e aquele que é movido pelos nobres impulsos do sentimento moral, de bom grado se estabelece a diferença que se dá entre dois edifícios da mesma forma construídos, porém um com pedra sólita, outro com pedras unidas entre si pelo mais solido cimento; um desmoronando-se ao mais leve abalo, o outro resistindo ao mais violento tufão". Quer dizer: o conferencista exaltando a ideia do Divino, não se contenta, apenas, criar na consciencia moral e religiosa dos homens que ao templo acorrem para ouvi-lo, um simples "teor de Deus"; ele quer, sobretudo, que a prática religiosa abra um futuro moral na sociedade, havendo previamente a fé católica.

Resumindo: Pode o ilustre conferencista do templo de S. Francisco não vencer nem convencer aqueles que havendo desprezado os ensinamentos de *A Initação de Cristo*, não se preservaram de uma «investigação curiosa», caindo por isso, em um "abismo" de duvidas; mas se não consegue a sua dialética ser, para esses, o milagre da estrada de Damasco, contudo, para esses mesmos, a beleza ritmica das suas orações será testemunho evidente do quanto pode a ascendência da fé, quando servida pelo talento.

Por nós bendizemos a felicidade de havermos escutado o grande orador sagrado — a eloquencia da sua «boca de ouro».

C.

Reparos...

Uma manifestação...

Promovida pelas Juntas de Freguesia, realizou-se em Lisboa uma *lusidia* manifestação que deu agua pela barba aos seus promotores, em virtude de certos factos praticados durante a referida manifestação.

Entre esses factos registram-se os seguintes: tentativas de assalto ao palramento e morras aos seus *tribunos*, aos quais foram dirigidos por vários manifestantes frases insultuosas e gestos obscenos; assaltos á bandeira da república, que ia na frente do cortejo e foi substituída por uma bandeira negra; ataques á polícia, dos quais resultou ferirem feridos alguns guardas; desacato ao proprio presidente da Câmara dos Deputados, cujo automovel cercaram, obrigando-o a ir a pé; estilhaçamento dos vidros de alguns carros eléctricos; morras aos partidos e vivas á revolução social; mortas aos *merceeiros* das proprias juntas de freguesia, etc.

Quem semeia ventos!...

E não seria essa manifestação um pronuncio de borrasca proxima?

Por Angola

Aquela resposta do snr. Norton ao snr. Cunha Leal esteve insossa de todo. Não foram rebatidas nenhuma das afirmações feitas. E o snr. ministro das colónias não sabe a quantas anda, nem o que se passa pela sua pasta, segundo declarou.

Agora o snr. Cunha Leal vem reforçar as suas afirmações, vem declarar que ha funcionários suspensos por não cairem nas graças do Alto e muitas outras coisas.

Quer dizer: Angola continua sob domínio da tal qual drilha que o snr. Lial disse ser necessário prender.

Falta saber quem ha-de praticar o feito.

Entretanto gritaremos sempre: AQUI D'EL-REI!... AQUI D'EL-REI!... AQUI D'EL-REI!...

Ditaduras

Tudo anda assustado com uma ditadura hipótese, tendo á sua frente um ditador de ocasião.

Abaixo a ditadura! gritam.

Abaixo a ditadura! gritam-nos nós também! A ditadura é uma especie de balão de oxigenio para manter de pé por mais algum tempo esta caranguejola desconjuntada. Abaixo!

A nação não precisa das ditaduras para viver. O que ela precisa é de voltar ás suas instituições naturais: As Províncias, os Municípios, as Corporações. Tudo o mais é artigo de importação.

Abaixo! Abaixo! Abaixo!

Secção de Sport

FOOT-BALL

Vitória 3—G. D. Famalicense 3.

pouco depois da hora marcada entram no campo os jogadores de Famalicão que são recebidos com palmas. Quasi em seguida entram os do Vitória que a assistência recebe da mesma forma

A's 15.25 o árbitro apita para dar inicio ao jogo cabendo a bola ao Vitória que Famalicão intercepta mas os vimaranenses tornam a rehavê-la e Armando Freitas enfia a bola nas redes adversárias Pouco depois Adriano aproveita uma passagem de Artur

e marca a segunda bola.

Ha diversas investidas aos dois campos até que o Vitor alcança o primeiro goal para o seu grupo. O jogo continua e numa descida ao Campo vimaranense Simões Dias enfia o segundo.

Com o resultado de 2-2 termina a 1.ª parte para recomendar mais tarde.

Agora sai o G. D. Famalicense que o Vitória desarma e Adriano marca um goal. Os jogadores famalicenses começaram a zorra a jogar violentamente o que obriga os do Vitória a fazer o mesmo e Aguiar fura as redes vimaranenses.

Termina o desafio com o resultado de 3-3.

O jogo do Vitória agradou-nos mais que o do Grupo Desportivo Famalicense,

Constituição dos Grupos: Grupo Desportivo Famalicense: João Alvaro, Edgar; Mesquita, Simões Dias Aguiar; Varela, Camilo, Barbosa, Shoesnaker, Vitor.

Vitória — Gervásio; Campos, Vicente; António Mendes, Evaristo, Mota; Waldyr Arthur, Armando, Adriano, Mendes Martins.

A. D.

= = = = = «A GRANDE NOVELA»

Entre as publicações congénereas *A Grande Novela* tem conquistado uma maior propriedade.

São páginas de uma agradável leitura, que se leem sem enfado. São belos trechos literários firmados por distintos escritores.

Vai já no numero 4 esta interessante publicação. *A Feiticeira da Vila* (contos) se intitula o ultimo numero.

Na sua curta carreira *A Grande Novela* tem conseguido belos triunfos.

Desde o «Natal de Mendigos», por Roch Martins, da *Conversão*, por Lourenço Caíola da *Prevenção Rigorosa*, por Feliciano Santos, a *Feiticeira da Vila*, não existe nada que possa merecer reparo. Pelo contrario, só se deve bendizer o esforço do seu editor e nosso presado amigo e camarada Sar. Carlos de Ornelas que tem sido incansável em conseguir para *A Grande Novela* tudo quanto a possa tornar uma excelente publicação.

Em verdade não tem sido vãos esses esforços. *A Grande Novela* tem conquistado um exito extraordinario.

R-comendamo-la a todos os nossos presados amigos.

V. Ex.ª quer ter uma leitura util agradável e barata?

Assine «A GRANDE NOVELA».

Escreva hoje mesmo para a administração: Rua da Horta Seca, 7-1.º LISBOA.

Gil Vicente

Preço da assinatura
(Pagamento adiantado)

PORtugal

Ano	7.500 reis
Espanha	9.500
Africa	10.500
Brazil	12.500
Numeroso avulso	2.50

Preço das publicações
(Pagamento adiantado)

Anúncios e comunicados, linha	200 reis
Repetições, por linha	150
Permanentes, contrato convencional	
Reclames, no corpo do jornal, até 5 linhas, cada um	2.00
Anunciam-se as publicações que sejam, mediante dois exemplares gratis.	
Anúncios, não judiciais, para os senhores assinantes, ao por cento desbatimento.	

Gil Vicente

ANO V N.º 170

2.ª Série N.º 37

Exmo Sr.